

OPINIÃO

Alexandra Leitão

Docente da Faculdade de Economia e Gestão da Católica Porto



O clima – em busca do consenso político

As alterações climáticas vão voltar a ter destaque na imprensa internacional com a realização da Cimeira que se irá realizar de 11 a 22 de novembro em Varsóvia. Pretende-se, mais uma vez, encontrar um consenso político para estabelecer as bases de um acordo mundial sobre o clima, legalmente vinculativo, previsto para 2015, tal como foi aprovado na Cimeira de Durban em 2011.

Esta Cimeira terá como pano de fundo o relatório "Mudanças Climáticas 2013 - As bases físicas científicas", apresentado em finais de setembro pelo Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas (IPCC). Este painel, criado em 1988 pela ONU, integra milhares de cientistas de diversos países e tem como objetivo a avaliação do risco da alteração climática devido à atividade humana, possíveis impactos e opções de mitigação e adaptação. Os dados apresentados servem de base para as negociações climáticas internacionais. Segundo o relatório, há hoje 95% de certeza de que "a influência humana no clima é responsável por mais da metade dos aumentos médios de temperatura observados entre 1951 e 2010". No período 1900-2012, o nível dos oceanos aumentou 20 centímetros. Num cenário menos otimista, caso as emissões de gases do efeito estufa continuem a crescer às atuais taxas ao

longo dos próximos anos, a temperatura do planeta poderá aumentar até 4,8°C e o nível do mar poderá subir até 82 centímetros até 2100.

A evidência científica das mudanças climáticas antropogénicas tem vindo a consolidar-se ao longo dos últimos anos, com cada vez menos incertezas, apesar de ainda existirem lacunas em áreas das ciências climáticas. O cenário para que estamos a caminhar afetará, praticamente, todos os seres vivos do planeta. A atmosfera e os oceanos a aquecerem, neve e gelo a diminuírem, o nível dos mares e oceanos a subir, a frequência e intensidade de eventos extremos, como secas e tempestades a aumentarem, produção agrícola a diminuir, ou seja, as mudanças climáticas transformarão nossas vidas, economias e o modo como o planeta funcionará no futuro.

A ciência cumpre a sua função. Os decisores políticos terão de sair da zona de conforto e passar a encarar as mudanças climáticas como um imenso desafio ao desenvolvimento dos respetivos países.

Não tem havido dinheiro, vontade política e liderança

Na Cimeira de Doha (Qatar), realizada em dezembro de 2012, os governos ficaram bastante aquém das decisões necessárias para evitar o caminho para alterações climáticas catastróficas. O financiamento foi uma das vertentes mais críticas da negociação, na medida em que, não se estabeleceram metas intermédias de modo a garantir até 2020, 100 mil milhões de dólares por ano para o Fundo Climático Verde, que os líderes mundiais concordaram em criar, na Cimeira de Copenhaga realizada em 2009, destinado à adaptação, mitigação e florestação nos países mais vulneráveis, para além do valor inicial até ao final de 2012, de 30 mil milhões de dólares. Porém, até à data, o fundo conseguiu arrecadar apenas 7,5 milhões. A crise económica levou a que não houvessem grandes compromissos nesta matéria. A Cimeira de Doha não respondeu às necessidades políticas que foram traçadas com base na ciência.

Não tem havido dinheiro, vontade política e liderança. Pelo que, a Cimeira de Varsóvia a realizar no próximo mês, será de extrema importância para o progresso no controlo das mudanças climáticas, pois deve incentivar governos, empresas, indústrias e sociedade civil a contribuírem com novos compromissos para uma economia de baixo carbono.